

Catherine Darbo-Peschanski. *L'Historia: Commencements grecs. Collection Folio essais*. Paris: Éditions Gallimard, 2007, 585 p. ISBN 978-2-07-034869-5.

Tiago da Costa Guterres¹

O livro “L’Historia: Commencements grecs” encontra-se disponível até agora apenas em língua francesa. Trata-se de uma obra de onze capítulos, divididos em quatro partes, compondo um total de quase seiscentas páginas. Não é exagero afirmar que o livro de Darbo-Peschanski representa uma nova proposta interpretativa para a questão do *nascimento* da história na Grécia antiga. A própria autora coloca que sua iniciativa reside na intenção de desconstruir uma questão mal colocada por outros autores até o momento, que pecam por confundir três objetos que em variados momentos foram apresentados sob o nome de história: *primeiro*, o modo de conhecimento empírico propriamente grego; *segundo*, as formas de historicidade (entendida pela autora como a maneira de conceber o devir e o que o anima); terceiro, o gênero histórico, ou seja, o estabelecimento de uma nova forma de composição discursiva.

Na primeira parte, “Histôr: juge de première instance” (Histôr: juiz de primeira instância), a autora apresenta a palavra *HISTORIA* – que não aparece no grego antes do século VI a.C. – enquanto derivada do nome Histôr. Utilizando exemplos da *Ilíada*, Peschanski define o Histôr como um juiz: pois ele tem relação nos fatos da experiência, mas não necessariamente de sua própria; ele conhece as partes em presença e toma ato das posições que elas defenderão no debate; ele deve julgar, escolher uma das versões dos fatos, e isso em primeira instância, enquanto que, em um segundo momento será formulada, sem que seja explicitamente precisado por quem, uma sentença executória que estabelecerá definitivamente a verdade oficial (p. 50-51).

O título da segunda parte, “HISTORIA: judgement de première instance”, já denuncia a continuidade entre as categorias HISTÔR-HISTORIA. Nas *Histórias* de Heródoto, produzidas no século V a. C., há o total desaparecimento da palavra Histôr. No entanto, Darbo-Peschanski chama atenção para os traços marcantes da semelhança entre um termo e outro, o que, até certo ponto, pode ser entendido como um elemento de

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: tcguterres@bol.com.br.

continuidade: a estrutura de um julgamento em dois tempos (primeiramente do autor, em segundo lugar do receptor) continua presentes (p. 67).

Por mais que haja uma variedade de implicações nas formas de conhecimento que implicam a HISTORIA, embora a palavra represente um significado diferente em pensamentos, épocas e contextos também diferentes (Aristóteles, Heródoto, Galeno), há uma fundamental permanência. Trata-se, pois, para a autora de uma estrutural dual, esta gozando sempre o mesmo papel de *julgamento julgado* (p. 191). Na terceira parte, intitulada “Historicités: dynamiques du devenir” (Historicidades: dinâmicas do devir) é o momento onde a autora trata de detalhar com precisão o domínio da HISTORIA. Esta não pode ser entendida como confinada ao campo dos eventos históricos. Afirmar isso não significa que os eventos sejam deslocados ou retirados de seu papel de importância, mas passam a ser entendidos como uma espécie de fenômenos que possuem relação com a HISTORIA. O que muda aqui é o caráter de tal relação. O devir aparece, então, na nascente historiografia, intrinsecamente ligado a noção de justiça (*dikê*). A justiça parece ser o primeiro motor que os gregos deram à história, o que pode ser verificado na obra de Heródoto² e permanece até o século IV a.C.

Na obra de Tucídides há uma fratura da até então presente alternância entre *injustiça/reparação* das *Histórias* de Heródoto. Ligando a obra ao seu contexto de produção, a autora afirma que mudanças profundas na sociedade grega fazem com que a obra de Tucídides não se explique mais pelo devir animado pela justiça. Esta não se apaga por completo e continua ainda tendo algo a ver com o desdobramento dos eventos. O mecanismo da justiça que em Heródoto assegurava o movimento da história aparece, a partir da *Guerra do Peloponeso* de Tucídides, em crise, mas sem se apagar totalmente. Posteriormente, em Xenofonte, tomando como exemplo as *Helênicas* ou a *Anabase*, há uma parte reservada à justiça, entretanto, não mais com influência sobre a história.

A quarta e última parte encontra-se sob o título “Historiographie: le genre historique” (Historiografia: o gênero histórico). Tendo em vista a parte anterior, ou seja, o estudo das formas de historicidade, pode-se compreender como a ruptura do regime de justiça

² É importante mencionar que Darbo-Peschanski não confere passividade do caráter humano da obra em relação a uma justiça predominantemente divina: a *dikê* é utilizada aqui em uma espécie de articulação entre o que podemos entender como potência divina com sua intervenção no mundo humano e os próprios atos dos homens.

que separa o mundo herodotiano do mundo tucidideano pode resultar em Tucídides o abandono da noção de HISTORIA como relacionada ao que é acontecido. Para que a HISTORIA se tornasse um gênero literário, era preciso outro fator além da constituição retroativa de um corpus repousando sob o substrato de um continuum temporal. Este outro fator condicional encontra-se no estatuto ontológico prestado aos fatos: se na questão da objetividade dos fatos não podemos ter Heródoto como referência – devido às numerosas versões e julgamentos³ –, não podemos dizer o mesmo quando nos referimos a Tucídides e a toda manifestação de busca da verdade apresentada pelo autor.

A obra de Catherine Darbo-Peschanski representa, no mínimo, uma ousada iniciativa. Tratar do tão discutido tema do “nascimento” da história, ao mesmo tempo buscando fazer uma espécie de revisão dos autores que o trataram, já é suficiente para deixar os pesquisadores da historiografia grega (ou interessados) atentos a esta produção. Mas não é apenas o tema ou a dimensão da obra que merecem ser destacados. Ao afirmar que existe uma continuidade entre a noção de histôr presente na *Ilíada* e a noção de HISTORIA existente em Heródoto, a autora propõe um acentuado desvio de toda uma “tradição” historiográfica que ligava a história ao verbo *oida* (ver)⁴, os dois pertencentes a uma mesma raiz. Ao invés disso, não é na experiência sensível que reside a continuidade entre histôr e HISTORIA: a continuidade reside na idéia de julgamento, presente em ambas as noções, como já mencionado acima. Outro ponto de destaque é a busca de estabelecer com maior precisão o que era a história que os gregos produziam, se o termo encontrava-se ainda confuso e não tão bem especificado até o momento, Darbo-Peschanski parece conseguir delimitar os contornos do conceito ao se dedicar à tentativa de diferenciação entre forma de conhecimento empírica, historicidade, e a história como gênero. Estas são algumas das características marcantes da obra, que, no entanto não se apresentam de todo imunes a críticas de especialistas⁵.

³ Para este caso a autora se utiliza em grande parte de seu livro produzido em 1987 [utilizo a edição de 1998] “O discurso do particular: Ensaio sobre a investigação de Heródoto”. Nesta obra, Darbo-Peschanski defende que o texto de Heródoto, em seu modo de funcionamento, encontra-se centrado na noção de *opinião (doxa)*, representando, para o público leitor ou ouvinte uma espécie de “convite” à manifestação de sua aprovação ou não do conteúdo apresentado. Neste sentido, a autora parece estabelecer uma distância entre opinião e verdade – tendo em vista as várias versões sem necessidade de julgamento ou posicionamento –, o que é totalmente fora de sentido na obra de Tucídides.

⁴ Para maiores explicações sobre o assunto e sua relação com o indo-europeu ver François Hartog (2001) “Le miroir d’Hérodote: Essai sur la représentation de l’autre”.

⁵ Para as severas críticas à obra de Darbo-Peschanski, dentre elas a de erro e manipulação de tradução da *Ilíada* e da errônea continuidade entre histôr e HISTORIA, ver Andre Sauge (2008) “*Sauge on Van Nuffelen on Darbo-Peschanski*”.

Referências bibliográficas

DARBO-PESCHANSKI, Catherine. L'Historia: Commencements grecs. Paris: Éditions Gallimard, 2007. Resenha de: SAUGE, André. *Sauge on Van Nuffelen on Darbo-Peschanski*. Bryn Mawr Classical Review, 2008.12.10, disponível em <http://bmc.brynmawr.edu/2008/2008-12-10.html> (acesso em 20/11/2010).

DARBO-PESCHANSKI, Catherine. *O discurso do particular: Ensaio sobre a investigação de Heródoto*. Brasília: Editora UNB, 1998. 298 p.

HARTOG, François. *Le miroir d'Hérodote: Essai sur la représentation de l'autre*. Paris: Gallimard, 2001. 576 p.